

## BREVES NOTAS SOBRE A COLÔNIA D. PEDRO II

Marcos Hallal dos Anjos\*

Sob o número 27-b, encontra-se catalogado, no museu da Biblioteca Pública Pelotense, o diário de registro dos mantimentos fornecidos aos colonos da Colônia D. Pedro II, em Pelotas, datando do ano de 1852. Além desse documento, versando sobre a colonização irlandesa, à disposição de pesquisadores, sob os números 10 e 476, encontram-se as *Atas da Associação Auxiliadora da Colonização de Estrangeiros no Município de Pelotas*, cobrindo o período compreendido entre os anos de 1849 e 1855.

Da análise destes três volumes, com o objetivo de contribuir para o salutar debate a respeito do processo histórico de desenvolvimento da cidade de Pelotas, elaborou-se este texto, que não pretende interpretar o processo, mas apenas trazer dados sobre seu desenvolvimento.

### *A colonização em Pelotas*

O Município de Pelotas é composto por duas grandes paisagens naturais: a planície, ao sudeste, e a região serrana, à noroeste. Na primeira, localizaram-se as grandes propriedades dos estancieiros e charqueadores, sustentadas economicamente pelo braço escravo; na segunda, multiplicaram-se as pequenas propriedades destinadas, em seus primórdios, ao assentamento de imigrantes europeus, que iriam praticar, inicialmente, a policultura e a pecuária de subsistência.

Essa colonização na região serrana de Pelotas revestiu-se de um caráter todo especial, por ter sido realizada, quase que exclusivamente, por capitais particulares e de forma muito intensa. Segundo o Relatório de 1922, encaminhado ao Conselho Municipal pelo Intendente Dr. Pedro Luis Osorio, o Município de Pelotas, no ano de 1900, contava com nada menos do que 61 colônias, sendo apenas quatro oficiais, três delas criadas pelo Governo Imperial, em 1885 (Acioli, Afonso Pena e Maciel), e uma criada pela Câmara em 1882 (chamada simplesmente de Municipal).

Após dominarem e explorarem economicamente a região da planície, os abastados charqueadores e estancieiros pelotenses voltaram seus interesses, no século XIX, para as terras férteis e ricas em matos da região serrana, apossando-se destas lentamente, com o objetivo inicial de extrair a madeira e, esporadicamente, formar pequenas lavouras, ambas atividades baseadas na mão-de-obra escrava. Estas, porém, darão lugar a outra bem mais lucrativa: a formação de colônias de imigrantes.

O movimento colonizador em Pelotas inseriu-se no processo de especulação imobiliária, ocorrido a partir da Lei Provincial nº 304, de 1854, que não mais baseou na doação, mas sim na venda, o fornecimento de lotes aos imigrantes. As terras vendidas por particulares chegavam a custar 800% mais do que as vendidas para a formação de colônias oficiais, índice extremamente atraente (GRANDO, 1990), transformando a Serra dos Tapes, na segunda metade do século passado, em palco de intensas atividades.

Segundo Grando:

*Toda a Serra [dos Tapes] foi dividida em pequenas propriedades, as picadas multiplicavam-se e nelas o movimento crescia. Estabeleceu-se ali uma corrente de imigrantes, que geralmente não chegavam diretamente da Europa. Eram originários das colônias situadas mais ao norte do Rio Grande do Sul, sendo na sua maioria, alemães. Mas afluíram para lá também espanhóis, austríacos, franceses e italianos, muitas vezes vindos mesmo de outras províncias. De caráter espontâneo, essa imigração era atraída pelos organizadores das colônias, que, com ela, auferiam grandes lucros (GRANDO, 1990: 73).*

Tal surto imigratório, verificado no Município, resultou na formação de um campesinato teuto-brasileiro, ítalo-brasileiro e franco-brasileiro, com preponderância do primeiro.

Originariamente instalados em lotes coloniais que distavam entre 18 e 72 Km da cidade, os colonos estavam estrategicamente distantes das grandes propriedades escravocratas e das terras de planície, destinadas à atividade econômica principal. Por outro lado, devido a estrutura viária de estradas de rodagem existentes no município<sup>1</sup> não se encontravam extremamente isolados,

\* Mestre em História do Brasil pela PUC-RS. E-mail: hallal@via-rs.net

<sup>1</sup> As principais estradas de rodagem para a zona colonial eram: a estrada de Santo Amor, a do Retiro, e a do Monte Bonito. A primeira comunicava com Canguçu, atravessando a Serra dos Tapes, possuindo os seguintes ramais: estrada do Passo das Pedras em direção ao Passo de Maria Gomes no Rio Piratini; a estrada da Buena em direção a Capela do mesmo nome; e da Cascata que atravessando uma importante região colonial. A estrada de Santo Amor levava ao mercado de

obtendo acesso à zona urbana onde podiam abastecer-se de gêneros e utensílios necessários a sua sobrevivência, além de esboçarem uma pequena atividade mercantil, baseada em excedentes agrícolas e na comercialização da manteiga.

#### *Formação da Colônia D. Pedro II*

A primeira colônia agrícola, da qual se tem notícia através de pesquisas junto ao Museu da Biblioteca Pública Pelotense, surgiu por volta do ano de 1780, no local denominado Serra dos Quevedos, hoje pertencente ao Município de São Lourenço, e era formada por agricultores açorianos. Tal empreendimento não prosperou de imediato, vindo a dar sinais de melhoras somente a partir de 1830.

É certo, porém, que a idéia da colonização do Município, pela importação de braços europeus, data dos primeiros dias da instalação da primeira Câmara Municipal. Segundo o Relatório Municipal de 1922:

*Pela lei provincial nº 143, de 27 de julho de 1848, foi criada a colônia agrícola denominada São Francisco de Paula, mas não levada a termo, apesar da Câmara Municipal ter escolhido terreno e levantado a respectiva planta, enviando-a ao presidente da Província, general Andréa, que, em ofício de 9 de junho de 1849, julgou-a inoportuna (PELOTAS, 1922: 40).*

Esse insucesso da iniciativa oficial não impediu que, por essa mesma época, surgisse a *Associação Auxiliadora da Colonização de Estrangeiros*, entidade particular com a finalidade de “proteger a emigração estrangeira de agricultores para a província” (PELOTAS, 1849-55).

Formada com um capital de 40.000\$000 réis, em 1850, a Associação adquiriu, de um de seus maiores acionistas, o Sr. Antonio Rafael dos Anjos, terreno na estrada que vai para Capão do Leão, a uma légua da cidade, fundando ali a Colônia D. Pedro II, “com 40 lotes, todos tomados por colonos irlandeses, em número superior a 300, provenientes de Liverpool” (PELOTAS, 1922: 40).

Seguindo a mesma orientação, a Associação forneceu também alguns lotes a famílias inglesas, que se instalaram por conta própria, sendo que o primeiro colono inglês chamava-se James Hooper e trouxe consigo 6 pessoas. (PELOTAS, 1849-55)

Consultando o diário de registro dos mantimentos fornecidos aos colonos da Colônia D. Pedro II, identificou-se a chegada de irlandeses em 07 de fevereiro e em 07 de março de 1852, no porto de Rio Grande, vindos, respectivamente, no Brigue Gysey e na Barca Irene, embarcados pelo Vice Consul João Francisco Froes, em Liverpool. Ao chegar em Rio Grande, foram, imediatamente, transportados para a Colônia, onde receberam seus lotes, juntando-se a outros colonos já assentados desde 1850.

Todas as despesas de viagem, de Liverpool até a Colônia, eram anotados para posterior ressarcimento, inclusive o traslado de Rio Grande a Pelotas. O mesmo acontecia quando da aquisição do lote e com todos os utensílios de trabalho e mantimentos recebidos.

Nos mínimos detalhes, tudo era registrado, até mesmo “um maço de taxinhas de ferro”, fornecidos a Eduardo Wynn, para pregar o forro no caixão de enterro de sua filha (PELOTAS, 1852). O pagamento de toda a dívida contraída era parcelado através de notas promissórias de três, quatro ou cinco anos.

Num primeiro momento, esses colonos recebiam as ferramentas de trabalho, necessárias à abertura de valas e picadas e para a edificação das provisórias moradias (normalmente cobertas de capim): enxadas, foices, machados, pás, serrotes e apetrechos para animais de trabalho; além de mantimentos, como farinha de trigo, farinha de mandioca, açúcar, velas de sebo, sabão, fumo, sal, feijão preto, carne fresca e outras provisões.

O fornecimento de víveres, utensílios e vestuário era feito pela Associação, uma vez por mês, de acordo com o número de elementos formadores da família. Eventualmente, alguns adiantamentos eram permitidos, principalmente em casos de doença, nascimento, morte e construção da moradia definitiva.

---

Pelotas a produção das seguintes colônias: Afonso Pena -com predominância de elementos italianos-, Acioli, Santa Hercília, São Domingos e Mirina. A estrada do Retiro dirigia-se para São Lourenço, ligando essa vila com Pelotas, atravessa os arroios Pelotas, Corrientes, Contagem, e Arroio Grande; possuía diversos ramais levando à sede do município a produção das colônias de São Lourenço, Santa Silvana, Santa Clara, Lopes, Santa Thereza e Retiro. A estrada do Monte Bonito, que atravessava a região compreendida por aquelas duas primeiras, dividia-se, pouco além do Arroio Pelotas, em 2 ramais: um atravessava a colônia Santo Antônio chegando a colônia Municipal, outro atravessava as colônias Santa Helena e Maciel encontrando a estrada que segue para Canguçu, próximo a esta vila. Conforme o Relatório de Estatísticas do Município de Pelotas, organizado pela intendência em 1897. pp. 08, 09, Museu da BPP, vol. 632.

Expressamente proibida era a venda dos elementos fornecidos pela Associação e ainda não quitados, no entanto, isso acontecia em larga escala, pois os colonos comercializavam, entre si, vacas, arados e até mesmo os próprios lotes.

Uma maneira lícita de negociar era a compra por parceria, lotes e instrumentos de trabalho muito caros na época, como, por exemplo, as carretas com eixo de ferro, eram comprados por dois ou três colonos, que os utilizariam em conjunto.

Existia também uma relação de trabalho entre os colonos muito semelhante com a servidão temporária, ocorrida na América do Norte. Identificou-se, por exemplo, que Ricardo Yates pagou sua passagem, de Liverpool a Pelotas, a Diogo Bent, Guilherme Bent e David Walsh – colonos como ele – através do trabalho não remunerado nas terras destes últimos, respectivamente, durante 2 meses e meio, 1 mês e em período não identificado.

Os lotes para assentamento dos colonos eram em sua maioria de 100.000 braças quadradas e os preços variavam entre 600\$000 e 700\$000 réis, dependendo da existência ou não de matos e cursos d'água. Alguns alcançavam o valor de 1.200\$000 réis, devido a existência de arroios e abundância de matos.

Para a capela e logradouro (pastoreio de animais) foi reservado um lote de 200.000 braças quadradas.

Em seus lotes, os colonos plantavam feijão, centeio, batata inglesa e doce, milho branco e amarelo, repolho, abóbora e até mesmo nozes, mas a cultura principal era o trigo.

As famílias assentadas eram numerosas, (uma média de 6,5 pessoas/família), no entanto muitos solteiros também aqui chegavam.

Em sua maioria, esses solteiros eram artífices e vinham de forma programada, isto é, para trabalhar na Colônia como sapateiros, funileiros, pedreiros, carpinteiros e alfaiates. Outros, sem especialização, transformavam-se em jornaleiros, agregando-se à determinada família, normalmente ligados por laços de parentesco. Algumas mulheres solteiras, sem família, também chegavam, porém, sobre elas quase nada se identificou através das fontes elencadas.

Num total de 92 colonos identificados, através do Diário de Registros, 34 eram cabeça de família (36,95%), enquanto 33 (35,86%) eram colonos solteiros, dos 25 restantes não há dados (Anexo 1). Deste total, 08 eram carpinteiros, 06 eram sapateiros, 01 era funileiro, e 01 era alfaiate, totalizando 16 artesãos, além de um padre (18,47%) (PELOTAS, 1852).

A construção da moradia definitiva dos colonos era feita por esses imigrantes artesãos, que recebiam por isso, ou melhor, o valor do trabalho destes era debitado de suas dívidas para com a Associação, que, por sua vez, acrescentava no haver do colono que recebia a casa.

#### *Fim da Colônia D. Pedro II*

Pioneira no Rio Grande do Sul, (até esta data a colonização estava sendo feita basicamente com imigrantes alemães) a colônia irlandesa D. Pedro II não obteve êxito.<sup>2</sup>

Já em julho de 1850, grandes problemas financeiros obrigaram a Associação a recorrer a um empréstimo do Governo Provincial. A situação tornara-se tão delicada que o empréstimo deveria decidir o progresso ou a morte das colônias no Município (PELOTAS, 1849-55). Inúmeros apelos, muitas correspondências trocadas, no entanto tal empréstimo não ocorreu.

Em vista disso, em 30 de dezembro de 1853, a diretoria da Associação informava à presidência da Província que existiam na colônia somente 30 famílias, somando 173 indivíduos. Quatro famílias haviam fugido logo que chegaram, enquanto 14 famílias e alguns solteiros fugiram depois de saber que não contariam com o auxílio do governo provincial.

É interessante salientar, que a análise dos documentos referentes à Colônia D. Pedro II apontam para uma dificuldade da Associação em ter ao alcance meios jurídicos e repressivos necessários para manter os colonos em seus lotes. Algumas vezes, colonos fugidos foram localizados e nem por isso admoestados de forma mais dura. Outros que não fugiam, apropriavam-se de utensílios deixados para trás pelos colonos evadidos, privando, assim, a Associação de ressarcir-se, pelo menos parcialmente, de seus prejuízos.

Exemplo claro da ineficiência citada é o caso do Padre Patricio Donovan, que, além de não servir bem a Colônia, afastando-se demasiadamente, ao deixar esta definitivamente, rumando para

---

<sup>2</sup>Não foi esta, no entanto, a única tentativa de colonização irlandesa no Município. Pela mesma época, o empresário Thomaz José dos Campos assenta algumas famílias no lugar chamado Monte Bonito, próximo ao passo do Retiro, nas cercanias de Pelotas. Novamente um fracasso. Em 1867 nada mais restava da colônia.

o Povo Novo, levou consigo inúmeros utensílios pertencentes à Associação –desde arados a paramentos para rezar missa– que várias vezes a este oficiou sem nenhum sucesso.

Em 31 de dezembro de 1853, o diário de registro de mantimentos é finalizado. O escrivador José Vieira Pimenta, na ocasião, reclama: “a gratificação é muito inferior ao trabalho, além de não ser pago logo como deveria ser, e até duvidosa em a ser(…)” (PELOTAS, 1852). Indicativo da precariedade financeira em que se encontrava a Associação.

Em outubro de 1854, novas famílias deixaram a colônia, algumas fugiram para Rio Grande, com destino a Montevidéu e Buenos Aires (PELOTAS, 1849-55). Em 22 de março de 1855, a diretoria da Associação elabora a última ata.

Segundo Grandó, em 1859, “o relatório do Presidente da Província informava que era ‘pouco lisonjeiro’ o estado da Colônia D. Pedro II. A população achava-se reduzida a 16 famílias (96 pessoas), tendo muitos imigrado para Montevidéu e Buenos Aires e alguns, para as cidades mais próximas (Pelotas e Jaguarão)” (GRANDÓ, 1990: 70).

Koseritz, agente intérprete da colonização na província, informa que, em 1867, poucas famílias irlandesas ainda permaneciam na Colônia D. Pedro II, ocupadas com a lavoura e o fabrico da manteiga. (Província de São Pedro, 1867)

Por fim, e apenas esboçando os primeiros passos de um projeto de análise, as informações, obtidas através da pesquisa nos documentos já referidos, permitem concluir que dois fatores foram responsáveis pelo insucesso da Colônia D. Pedro II.

O primeiro refere-se a carência de recursos. Inúmeras, porém infecundas, foram as tentativas de integralização do capital, assim como inúmeros foram os apelos ao Governo Provincial referindo-se a precariedade financeira da Entidade. Em segundo lugar está o fato de que um bom número de colonos eram artífices e não agricultores, ou não estavam em condições de receberem lotes, pois eram solteiros.

#### *Referências bibliográficas*

GRANDÓ, Marinês Zandavalli. *Pequena agricultura em crise: o caso da Colônia Francesa no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: FEE (teses nº 14), 1990.

#### *Fontes primárias*

PELOTAS. Diário de Registro dos Mantimentos Fornecidos aos Colonos da Colônia D. Pedro II. Museu da Biblioteca Pública Pelotense, v. 27-b, 1852.

PELOTAS. Livro de Atas da Associação Auxiliadora da Colonização em Pelotas. Museu da Biblioteca Pública Pelotense, vls. 10 e 476, 1849-55.

PELOTAS. Relatório apresentado ao Conselho Municipal pelo Intendente Dr. Pedro Luis Osório. Museu da Biblioteca Pública Pelotense, v. 632, 1922.

PROVÍNCIA DE SÃO PEDRO DO RIO GRANDE DO SUL. Relatório da Administração Central das Colônias da Província de São Pedro do Rio Grande do Sul apresentado ao Ilmo. e Exmo. Sr. Dr. Francisco Ignácio Marcondes Homem de Mello pelo Agente Intérprete da Colonização Carlos de Koseritz. Porto Alegre: Tipografia do Jornal do Comércio, 1867.

PELOTAS. Relatório de Estatísticas do Município de Pelotas, organizado pela Intendência. Museu da Biblioteca Pública Pelotense, vol. 632, 1897.

Anexo 1: Formadores da Colônia D. Pedro II identificados através do diário de registro de mantimentos.

NOME	IDADE	Nº DE FAM	OBSERVAÇÕES
André Helly			solteiro, sapateiro
Anna Lacy		01	solteiro
Aparício Frias			
Bartolomeu Forlong	50	07	
Bridget		01	solteiro
C. T. Newcomb			pagou o que devia a Associação
Catharina Ward		01	solteira
Christovão Jeffars	42	10	fugiu para Jaguarão em 24/5/53
Cornelius Ellis			
Daneis Doyle	28	04	
David Brown	18	01	solteiro, carpinteiro
David Walsh			
Diogo Bent			
Diogo Cornich		01	cunhado de Mac Cab
Diogo Day		02	
Diogo Flanagan	37	10	fugiu para Jaguarão
Diogo Sinot		01	sapateiro
Diogo Whitty	27	03	
Eduardo Flarty	21	01	solteiro, Pai de P. Barry
Eduardo Hayse			fugiu para Jaguarão ou Estado Oriental em 30/4/53
Eduardo Monk	38	11	
Eduardo Quigley	24	01	solteiro
Eduardo Wynn			fugiu para o Estado Oriental em julho de 1853
George Hayse	55	06	seu filho Diogo Hayse caiu da Barca Irene
George Kerwin			fugiu com a família para Piratini em 20/8/53
George Whyte		01	trabalha como peão de Martin Forlong
Guilherme Bent			funileiro
Guilherme Cullen	40	07	fugiu para Piratini em 20/8/53
Guilherme Edwards	40	05	
Guilherme Murphy	22	01	solteiro
Guilherme Ravel	27	03	
Issak Carpenter			carpinteiro
Izabel Walsh		01	
Joanna Brien		01	solteira
João Miguel Spencer			
João Asple		01	
João Cleury	22	01	solteiro
NOME	IDADE	Nº DE FAM	OBSERVAÇÕES
João Cogley	44	10	
João Comeford	50	09	
João Connor			carpinteiro
João Kenny	25	03	
João Lacy	28	01	solteiro
João Oneil			carpinteiro
João Parle			
João Quigley		01	solteiro
João Smith	22	01	solteiro, sapateiro
João Staford	29	03	
João Ward		01	
João Whitty	39	03	casado, trouxe consigo o cunhado
Margarida Anne Megrun		01	solteira
Maria Bird		01	solteira
Maria Bird		01	solteira
Maria Lacy		01	solteira
Maria Shil		01	solteiro
Martin Forlong	22	04	solteiro, veio com a tia e irmãos, fugiu para Jaguarão ou Estado Oriental em 30/4/53
Miguel Austin	50	06	

Miguel Bryan		01	sobrinho de P. Power
Miguel Hogan	36	08	fugiu para Jaguarão ou Estado Oriental em 30/4/53
Miguel Murphy	20	05	solteiro, veio com irmãos e sobrinha
Miguel Quinen		01	solteiro
Moizes Lacy	30	03	
Nicolau Cauch	30	01	solteiro
Nicolau Forlong	22	01	solteiro, veio com Thomaz Flarty
Nicolau Kerwin			carpinteiro
Nicolau Murphy			
Nicolau Summers	22	03	veio com irmã e mãe, casou no Brasil
Owen Staford		06	filhos chegaram muito doentes
Patricio Bird		01	solteiro, Pai de Jonhson
Patricio Bryan	38	06	
Patricio Coughlin		01	alfaiate
Patricio Deverich	21	01	solteiro, sapateiro
Patricio Donovan			padre, foi para Povo Novo em 09/53 negando-se a devolver utensílios da Associação
Patricio Duyer	44	06	carpinteiro
Patricio Ennis	44	09	seu filho, João Ennis, é sapateiro
Patricio Kerwin	42	07	carpinteiro
Patricio Mac Cab	23	04	sapateiro
<i>NOME</i>	<i>IDADE</i>	<i>Nº DE FAM</i>	<i>OBSERVAÇÕES</i>
Patricio Power	42	05	carpinteiro
Patricio Toahy	27	01	solteiro
Paulo Hayse	35	04	fugiu para Jaguarão em novembro de 1853
Pedro Barry	40	08	
Pedro Welsh			
Peter Myeler			
Ricardo Blake	25	02	casado, no entanto veio com o pai
Ricardo Yates			
Roberto Renwich			
Sarah Welsh		01	solteiro
Thomaz Barry	24	01	solteiro, sobrinho de Paulo Hayse
Thomaz Burges			
Thomaz Flarty	38	07	fugiu para Jaguarão ou Estado Oriental em 30/4/53
Thomaz Murphy	45	05	
Thomaz Shean			fugiu com George Kerwin
Willian Folly	22	01	solteiro, veio com Thomaz Murphy
Willian George Smith			quitou seu débito